DOI: 10.5418/RA2015.1116.0015

SOBRE EDWARD SOJA

Roberto Luís de Melo Monte-Mór

Ph.D. em Planejamento Urbano pela Universidade da California, Los Angeles - UCLA. Professor Associado no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional - Cedeplar, da Face - Faculdade de Ciências Econômicas e no Núcleo de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - NPGAU, da Escola de Arquitetura, ambas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E.mail: montemor@cedeplar.ufmg.br

Novaiorquino do Bronx, Edward William Soja faleceu aos 75 anos em Los Angeles, cidade onde viveu a maior parte de sua vida profissional e que tomou como laboratório e referencial para seus estudos na geografia. Sua opção por esta disciplina se deu desde muito jovem, como relata no texto autobiográfico publicado no Brasil, pela Anpege[1].

De fato, Soja dedicou parte significativa de sua obra para defender e qualificar a importância do espaço na teoria social crítica, dando-lhe lugar de centralidade na compreensão do mundo contemporâneo. Tomando Henri Lefebvre como referência principal e somando a isto uma forte influência de Michel Foucault, Soja publicou em 1989 seu livro mais conhecido, reafirmando o papel central do espaço na teoria crítica contemporânea[2].

Quando o conheci em 1986, como aluno de doutorado na GSAUP – Escola de Pós-Graduação em Arquitetura e Planejamento Urbano da UCLA, Soja estava mergulhado nos estudos de Lefebvre, tendo estudado francês para ler sua obra,até então muito pouco traduzida para o inglês. No Brasil, *O Direito à Cidade* havia sido publicado em 1969 e tínhamos acesso a traduções para o espanhol de outras obras. Minha leitura de Lefebvre no curso de arquitetura foi sem dúvida condição para nosso relacionamento, e acabou por faze-lo meu orientador. Soja havia mergulhado numa leitura 'pós-moderna' de Lefebvre, inspirado na obra crítica de Foucault que lhe trazia uma perspectiva particular, poderíamos dizer pós-marxista, da obra lefebvriana. Foi questionado por alguns dos seus pares por enfatizar a dimensão espacial e deslocar a questão marxista para a reprodução da vida quotidiana, assim como Lefebvre havia sido criticado em1970 ao publicar *A Revolução Urbana*. Os 'geógrafos socialistas' anglo-saxões aos quais se ligava tinham dificuldades em superar suas ênfases economicistas e aceitar a 'pós-modernidade' trazida por Soja.

[1] Soja fez a palestra de abertura do VII Encontro Nacional da Anpege – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, em Niterói, em 2007, e seu texto foi publicado como "A Virada Espacial: o espaço como questão pessoal", no livro "O Brasil, A América Latina e o Mundo: espacialidades contemporâneas", publicado pela Anpege em 2008.

[2] Geografia pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

O ano de 1989 foi intenso para os estudos críticos radicais na GAUSP-UCLA, onde Soja lecionava, envolvendo desde debates sobre a queda do muro de Berlim até as celebrações dos 200 anos da Revolução Francesa. O fim dos anos Reagan não trouxe grande alívio dado que George Bush, chefe da CIA, havia sido eleito presidente. Mas o contexto mundial trazia revisões e reformulações do pensamento crítico, principalmente na geografia, recolocandoalgumas questões clássicas para a esquerda. Ao mesmo tempo, a complexidade da área metropolitana de Los Angeles, em franca ebulição e expansão, levantava novos problemas sociais e urbanos e trazia questões culturais várias para o centro dos debates políticos. A GSAUP, pelo seu caráter interdisciplinar, abrigou inúmeros encontros, professores e alunos em grupos de estudo de áreasafins, como cinema, crítica literária, geografia, estudos ambientais, história, entre outros[3].

Soja continuou publicando textos provocativos que avançavam na sua interpretação pós-moderna da obra de Lefebvre, agregando novas perspectivas aos estudos urbanos. Artigos publicados nos Estados Unidos e outros países reafirmavam sua abordagem radical, tanto em termos dos estudos críticos pós-modernos quanto no aprofundamento do caso de Los Angeles como referencial para a urbanização contemporânea. Na verdade, ele já dizia no *Geografias Pós-modernas* que "Tudo se junta em Los Angeles", mas concluía pela desconstrução da aparente totalidade em busca da construção de geografias pós-modernas[4].

Quando veio ao Brasil em 1995 para fazer a palestra de abertura do VI Encontro Nacional da Anpur, em Brasília, Soja estava preparando um novo livro que acabou se transformando, a pedido dos editores, em dois livros distintos, ainda que articulados: *Thirdspace*e *Postmetropolis*[5].

*Thirdspace*foi recebido com frieza e muitas críticas, e é um livro ainda muito pouco divulgado e certamente pouco lido. Radicalizando a abordagem espacial complexa de Henri Lefebvre, Soja explora até os limites o sentido do 'espaço vivido' (ou vivenciado, como prefiro traduzir '*vecu*'). Partindo das 'viagens extraordinárias de Henri Lefebvre', Soja amplia a discussão da 'dialética da tríade', presente na obra de Lefebvre, na tentativa de superar definitivamente as velhas dualidades e dicotomias modernas, mesmo tratadas numa perspectiva dialética. Para isto, adota o conceito de 'trialética' – da espacialidade, com Lefebvre, a partir do espaço 'percebido – concebido – vivenciado' – mas também do ser, na 'historicalidade – socialidade – espacialidade', onde procura radicalizar seu argumento

[3] Em seu último livro, Seeking Spatial Justice, Soja descreve o contexto do Planejamento Urbano na UCLA e suas implicações para a articulação entre teorias e práticas espaciais.

[4] "It all comes together in Los Angeles" é o penúltimo capítulo desse livro, seguido de "Taking Los Angeles Apart: Towards a PostmodernGeography", o capitulo conclusivo.

[5] Thirdspace: Journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places. Blackwell, 1996; Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions. Blackwell, 2000.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

original (e de Lefebvre) da necessária inclusão do espaço (ou da espacialidade) como elemento ontológico e epistemológico fundamental para se somar ao tempo e à sociedade na compreensão do mundo contemporâneo. Seu argumento de que a dominância da história em períodos anteriores se devia à diacronicidade do tempo enquanto a sincronicidade do mundo contemporâneo privilegia a geografia por exigir uma perspectiva espacial mais evidente, e até dominante, se impõe nesse livro que busca misturar teorias e empirias, trazendo o universo urbano para o centro do debate contemporâneo. Além disso, abraça o virtual e a utopia lefebvrianas, usando o sentido combinado de real-e-imaginado como parte integrante do vivido, do vivenciado. Novamente, a complexidade socioespacial e temporal de Los Angeles é seu referencial empírico principal.

Em *Postmetropolis*, assume uma temática mais facilmente compreensível, desenvolvendo seis discursos centrais sobre a transformação contemporânea de cidades-metrópoles e regiões. Buscando em Jane Jacobs e outros autores elementos para questionar o próprio sentido do urbano no contexto da formação das sociedades e das primeiras cidades, desenvolve o conceito de *synekism* como a base da organização socioespacial criativa. A partir da premissa da anterioridade da cidade face ao campo, redefine a periodização tradicional das chamadas 'revoluções urbanas' na geohistória da humanidade. Discutindo a crise das metrópoles e reapresentando o caso de Los Angeles, trabalha pares de discursos contemporâneos que apontam para uma nova etapa da (re)estruturação urbana e metropolitana, dialogando intimamente com vários autores que tratam dos temas. O primeiro par – Metrópole Pós-Fordista e Cosmópolis – discutea reestruturação contemporânea no contexto globalizado; o segundo par – Exópolis e CidadeFractal, discute os desdobramentos e consequências na espacialidade contemporânea; e o terceiro par – Cidade Carceral e Cidade Simulacro (Simcities) – discute as adaptações principais no espaço urbanizado. A parte final do livro volta a Los Angeles e ao Terceiro Espaço para retomar debates culturais e traze-los para o contexto das transformações contemporâneas.

No seu último livro, *Seeking Spatial Justice*, publicado em 2010, Soja retomaa centralidade da espacialidade no mundo contemporâneo tratando especificamente do sentido de justiça espacial. Sua ênfase na 'virada espacial', já expressa entre nós no encontro da Anpege de 2007, ganha nova dimensão trazendo a centralidade do espaço e o referencial paradigmático de Los Angeles como espaço metropolitano contemporâneopara o sentido específico de justiça espacial com base tanto na luta política a partir dos movimentos de classe organizados em torno do espaço de vida – e assim retomando Lefebvre e Marx -, quanto no aprofundamento das ligações da academia – e da própria geografia enquanto disciplina –com os movimentos sociais manifestos em Los Angeles, adentrando assim

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

mais diretamente a dimensão do planejamento urbano, como anunciado acima.Soja busca trazer a consideração central do espaço para integrar a justiça social, discutindo a articulação entre universidade e comunidade, e para isso utiliza exemplos do departamento de Planejamento Urbano da UCLA, mostrando suas contribuições e articulações teórico-críticas que informam lutas políticas em torno do sentido de justiça na produção e apropriação do urbano.

Edward Soja contribuiu, sem dúvida, para o avanço da compreensão da natureza e do sentido do espaço no mundo contemporâneo, assumindo sempre uma postura política crítica e combativa. Foi o principal acadêmico a resgatar o pensamento de Henri Lefebvre para o mundo anglo-saxão e sua contribuição neste sentido foi inestimável. A difusão do seu trabalho, em especial o *Geografias Pós-Modernas*, me parece ter sido fundamental para criar condições para que a obra de Lefebvre ganhasse a notoriedade e contemporaneidade que goza hoje no mundo ocidental. Ao mesmo tempo, Soja avançou e atualizou diversas das questões trabalhados por Lefebvre nos anos 70, fazendo sua obra mais atual e inspiradora dos tempos marcadamente urbanos que vivemos. Somos todos gratos e devedores do seu trabalho.

Roberto Luís Monte-Mór
Belo Horizonte, dezembro de 2015

Artigo recebido em 27 de dezembro de 2015.
Artigo aceito em 30 de dezembro de 2015.